

CAMILO TEIXEIRA DA COSTA

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

A morte do empresário e jornalista Camilo Teixeira da Costa foi muito sentida e lamentada no largo e variado círculo de pessoas que tiveram com ele relações de amizade.

Ele foi capaz de uma síntese difícil: manter a eficiência de homem de empresa e conciliá-la com o amor, a bondade e a grandeza de coração. Nós, que o conhecemos de perto, tivemos a oportunidade de ver o exemplo deste grande homem. Às quintas-feiras, depois do trabalho duro da semana, era seu hábito reunir os amigos na sala de trabalho da Rua Goiás. Ali compareciam jornalistas, políticos, empresários, juristas e artistas. A conversa era animada e os mais importantes temas do momento eram discutidos por pessoas inteligentes e atualizadas. Depois, vinha a parte musical. Seu motorista, o grande violonista Carlinhos, fora escolhido de propósito. Dirigia para o patrão, mas sua verdadeira e mais importante função era tocar para os amigos e acompanhar o chefe que, de vez em quando, cantava também com desenvoltura, suas músicas preferidas.

Temas e casos de sua agitada vida profissional, cheia de êxitos e vitórias, eram contados em detalhes. São verdadeiros capítulos da história de Minas e do Brasil. Fatos com presidentes, governadores, políticos, homens de empresa, o contato e a amizade com Assis Chateaubriand constituem passagens que traçam o perfil de uma época. Alguém um dia precisa reuni-las e publicá-las. A Roberto Elísio, seu grande amigo por mais de quarenta anos, cabe esta missão.

Mas o lado mais notável e marcante de sua vida era a grandeza de sentimento e bondade interior. São incontáveis as pessoas a quem ajudou. Empenhava-se para servir e utilizava das relações, que mantinha com todos os segmentos da sociedade, para servir amigos e até desconhecidos, cuja necessidade lhe chegava ao conhecimento por uma pessoa próxima.

Para satisfazer esta bondade intrínseca, que era o ponto alto de sua vida, sacrificava até mesmo os interesses das empresas jornalísticas que dirigia. Certa vez uma grande multinacional mineira entrara em dificuldades financeiras. A notícia chegou-lhe ao conhecimento. O pessoal da redação veio consultá-lo sobre a publicação. A ordem foi peremptória: não publicar nada. Alguém ponderou: "Mas, doutor Camilo, trata-se de um fato jornalístico e todos os demais jornais vão divulgá-lo". A resposta foi curta e seca: o meu jornal vai ser uma exceção. Não consigo separar negócios de amizade, quando se trata de velhos companheiros meus".

Hoje tudo está mudado. O pós-moderno impôs um ritmo frenético às empresas, que se transformaram em técnica e números e produção. Se assim não for, elas perdem seu lugar e não suportam a concorrência. A mentalidade é diferente. Os tempos são diferentes.

Outro traço notável de sua personalidade era a coragem de lutar pelas causas que entendia justas. Às vezes, levava até mesmo ao extremo o combate ou a defesa de fatos e pessoas e corria o risco das conseqüências prejudiciais, a si próprio e a suas empresas. Mas não se omitia quando precisava agir e não se calava, quando as palavras se faziam necessárias.

Na intimidade, era um homem de extrema simplicidade. Tinha especial atenção com os humildes. Em Santa Luzia, onde nasceu e foi enterrado, o povo o adorava. Não há na cidade quem não o conheça. Uma profunda admiração por ele é sentimento unânime entre todas as classes sociais.

A fidelidade aos amigos era outra característica sua. Certa vez, acompanhado de alguns deles, foi a um acontecimento social de grande vulto em BH. Sentara-se com seus convidados e conversava, como de sempre, com satisfação e alegria. Eis que aparece uma comissão de políticos para levá-lo ao palanque, onde era solicitado para a cerimônia de abertura. Perguntou se lá cabiam todos os que estavam em sua companhia. "O recinto é exíguo e já está cheio", disse alguém. A resposta, mais uma vez, veio pronta: ficarei aqui com meus companheiros. Depois cumprimento os ministros.

Este foi o homem que perdemos no dia 17 de novembro. Com ele se encerra uma geração, que soube conciliar o trabalho com o humanismo. Hoje tudo mudou. As empresas têm que trabalhar freneticamente. Há disputa e concorrência. A produtividade não tem mais relação direta com o trabalho. O computador e os programas fazem tudo. O homem tornou-se descartável. As dispensas em massa o afastam do trabalho. O desemprego bate recorde histórico. O mundo está em crise.

Será possível um dia, como fez Camilo Teixeira da Costa, conciliar o trabalho com o humanismo, produzindo-se sem desprezar-se o homem e dispensar o trabalhador? O futuro é que vai responder esta pergunta. Mas sua vida será lembrada como um exemplo de que isto já foi possível no passado.

(Publicado no Jornal Hoje em dia em 01/12/09)